

VIDA DA FACULDADE

Pelo magnífico Reitor da Universidade, Prof. Doutor António Sousa Pereira, foi empossado no lugar de director da Faculdade de Letras, no dia 23 de Julho de 1970, o Prof. Doutor António Augusto Ferreira da Cruz, que proferiu, no acto, as seguintes palavras:

«Enquanto simples acto a inserir-se no domínio das actividades a que tenho sido chamado no já longo período de mais de trinta e cinco anos de vida pública, não podia nem devia esta cerimónia de posse implicar, da minha parte, outra coisa que não fosse a palavra de circunstância improvisada ao favor da emoção do momento. Limitar-se-ia a ser uma palavra de gratidão, porque essa é devida a quem de direito pela confiança que me outorga e tinha de a proferir para igualmente agradecer imerecidas referências, votos formulados e ainda — ou sobretudo — a delegação de funções com que me distinguiu o sempre lembrado Reitor Professor Correia de Barros e que foi mantida, desde a sua posse, pelo actual Reitor, Professor Sousa Pereira, mercê da qual me tem cabido a responsabilidade de dirigir, *de facto*, a Faculdade de Letras.

«Mas há outras palavras de circunstância suscitadas por este acto e adequadas ao momento, naquela medida em que ele não é particular de quem não está possuído de qualidades as bastantes para o justificar. Na verdade, agora decorre, na Reitoria da Universidade do Porto, o primeiro dos actos de posse que assinalam, definitivamente, a institucionalização da sua Faculdade de Letras, depois de instalado, nos termos da lei, o respectivo Conselho Escolar.

«Ainda não completados oito anos de actividade, pois que esta foi iniciada no ano lectivo de 1962-1963, a Faculdade de Letras do Porto tem agora ao seu serviço docente três professores catedráticos, que ascenderam à posição cimeira da escala pela via normal dos concursos de provas públicas. E dois prestaram todas essas provas na própria Escola, a partir do acto de doutoramento. Refere-se o facto como

exemplo e estímulo para os novos: sublinhando-o, de passo que me excluo, neste ponto, e para este efeito, da mesma corporação, aponto-lhes o modo de ganhar a dura batalha do tempo, para além das lutas a que ele nos sujeita no dia a dia de inquietações, de insídias, de invejas que esvurmam de manifesta má vontade e até de possíveis manobras que em nada e por nada dizem respeito, especificamente, à Universidade ou ao Ensino. E a dura batalha do tempo há-de vencê-la, também neste campo, quem souber manter-se fiel, dedicado, inteiramente ao serviço dos mais altos ideais que definem a sua Escola, obrigando-se, nessa posição, a contribuir para que ela venha sempre a renovar-se, a ampliar-se, a adaptar-se às exigências da hora em que se vive.

«É esta uma das maneiras de viver a autonomia pedagógica, aliando-se à liberdade do ensino, da parte dos docentes, a maior das responsabilidades. É este o ponto de partida para a reforma que todos desejam, em extensão e profundidade.

«Para cumprir a missão que lhe está reservada, no campo da investigação como em relação à especial tarefa de preparar os quadros de escol de que o País carece, a Universidade nunca se negou e sempre viveu todos os anseios, adaptando-se às realidades na medida em que lhe tem sido possível fazê-lo. Falar, hoje, de uma reforma geral — necessária e urgente, como a definiu o Governo — é o mesmo que viver, em nossos dias, o que tem sido preocupação constante de todas as gerações, sem quebra de continuidade ou de intensidade. Adequadas as perspectivas — ou possibilidades — à promoção cultural que é característica do tempo presente, de há muito se conclui que importa preparar docentes actualizados no saber e criar condições favoráveis aos alunos, instalar laboratórios ou campos de ensaio, gabinetes ou institutos, dotando-os suficientemente, para que o especialista, prosseguindo estudos, venha a colher bom fruto do seu labor. Por outro lado, é esse mesmo labor que possibilita novos conhecimentos tendentes a uma renovação de programas e melhor preparação dos alunos. Seria de acrescentar que muito se conseguiu já, nos últimos anos, pelo que toca ao enunciado. Porém, muito há ainda para meditar, programar e executar. Todos o reconhecem e todos reclamam urgência na execução do que se pretende, especialmente os dois universitários por excelência que são o Senhor Presidente do Conselho e o Senhor Ministro da Educação Nacional.

«Logo esta unanimidade, apresentando-se como vontade que é comum a governantes e a governados, a professores e a alunos, alça-se ao plano de conclusão que se afigura indiscutível. Estarão criadas as necessárias condições

para a reforma geral — poder-se-à intuir. E só de as enunciar no seu todo e como anseios que também são dos estudantes, algo se afirma quanto ao particular da sua colaboração.

«A Universidade do Porto nunca se alheou do estudo das Ciências Humanas e conferiu-lhe sempre distinção e particular interesse, ainda quando os seus quadros não integravam disciplinas especialmente dedicadas a esse estudo. Ninguém ignora que no domínio da Antropologia e ciências auxiliares desse distrito do saber, a Faculdade de Ciências, directa sucessora e continuadora da prestigiosa Academia Politécnica, fez *escola*, na mais expressiva acepção da palavra: a *Escola do Porto*, as escolas da *Portugália* e do Professor Mendes Correia. Essa tradição em muito contribuiu, sem dúvida, para a criação da primeira Faculdade de Letras, por iniciativa do grande pensador Leonardo Coimbra. E a mesma tradição não anda alheada das diligências empreendidas pelo antigo Reitor Professor Amândio Tavares, em ordem a conseguir a criação da nossa Faculdade de Letras.

«O domínio lato das Ciências Humanas abrange hoje especialidades as mais diversificadas: une-as, todavia, um só objectivo e esse a possibilitar o seu agrupamento no âmbito de uma só Faculdade. Já no campo restrito da Filologia, já no da História, da Filosofia ou da Geografia, pretende-se *estudar* e *servir* o Homem na sua origem, no seu comportamento, na sua missão. Daí que a investigação, neste caso, não possa andar alheada da docência, daí que importa encaminhar para o seu domínio os próprios estudantes. E não se atina com outro caminho que nos leve à Cultura desinteressada.

«A preparação técnica não pode — nem deve — ser estabelecida e mantida no isolamento imposto pelos seus postulados: tem de ser estabelecida e mantida, isso sim, ao lado de toda a actividade que decorra de um programa de formação. Ao lembrar este voto expresso por muitos ou todos aqueles que vivem, preocupados, os problemas da reforma do ensino, faço-o no propósito de deixar aqui uma palavra dedicada aos docentes da Faculdade de Letras do Porto.

«Da parte desses docentes, as relações com os seus alunos traduzem-se num convívio quotidiano que ultrapassa em muito o limite imposto pelo espartilho de um horário de concepção já ultrapassada e de execução só obediente a imposições burocráticas. Em ordem a facilitar a sua preparação, os alunos são ouvidos nos seus anseios até o limite do possível, esclarecidos nas suas dúvidas, auxiliados nas suas carências. Nem os seus professores deixam de

sacrificar, diàriamente, algumas das poucas horas que deviam ser reservadas para trabalhos de investigação ou para inteiro e merecido repouso, consagrando-as a cursos de tipo monográfico, para além dos horários estabelecidos na lei. E esses cursos, tendo por objecto um ou outro ponto do programa, assim desenvolvido e esclarecido, e por finalidade a mais fácil preparação dos escolares, logo resultam benéficos, de modo particular, para os alunos voluntários, a quem é oferecida, por esta forma, a frequência de aulas para além das horas em que decorrem as actividades extra-escolares a que eles são obrigados.

«Era devida esta palavra de justiça e o director da Faculdade, ao ser empossado no seu cargo, não queria deixar de a proferir, juntando-lhe uma outra de saudação a todos os seus alunos.

«Não seria necessário reafirmar dedicação inteira à Universidade, da parte de quem procura servi-la o melhor que pode e apenas sujeito às limitações impostas pela sua capacidade. Não será inoportuno, porém, dizer aqui, e nesta hora, que ao serviço da mais nova das Faculdades metropolitanas, o seu director e todos os seus docentes, bem como os seus alunos, aspiram a que ela seja, agora e sempre, uma Faculdade nova».

*

*

*

No dia 10 de Dezembro de 1969, perante júri da presidência do Prof. Doutor António de Sousa Pereira, Reitor da Universidade do Porto, e constituído pelos professores catedráticos Doutor Hernâni Cidade, jubilado, que pertenceu ao quadro docente da antiga Faculdade de Letras do Porto, Doutores Costa Pimpão e Paiva Boléo, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Vitorino Nemésio, Prado Coelho e Lindley Cintra, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e António Cruz, da Faculdade de Letras do Porto, prestou provas públicas para o lugar de professor catedrático de Filologia Românica desta faculdade a professora extraordinária Doutora Maria de Lurdes Belchior Pontes, que foi aprovada por unanimidade.

A candidata proferiu uma lição, sorteada, sobre «Verlaine e o Simbolismo em Portugal», que foi argumentada pelo Prof. Doutor Prado Coelho.

A Prof.^a Doutora Maria de Lurdes Belchior Pontes foi transferida para a Faculdade de Letras de Lisboa, por despacho publicado no «Diário do Governo» de 16 de Dezembro de 1970.

O professor auxiliar Doutor José António Ferreira de Almeida prestou provas públicas, nos dias 26 e 27 de Abril de 1971, mediante concurso, para o lugar de professor extraordinário do sub-grupo (História da Arte e Arqueologia) do 4.º grupo (História) da Faculdade de Letras do Porto, tendo sido aprovado por unanimidade.

Presidido pelo Reitor da Universidade do Porto, Prof. Doutor António de Sousa Pereira, o júri deste concurso era constituído pelos professores catedráticos Doutores M. Lopes de Almeida, Mário Brandão e Arnaldo Miranda Barbosa, da Universidade de Coimbra, D. Fernando de Almeida, da Universidade de Lisboa, António Cruz e Eduardo Abran-ches de Soveral, da Universidade do Porto, e Prof. Artur Nobre de Gusmão, da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

Coube aos dois professores catedráticos da Faculdade de Letras do Porto a discussão do «curriculum vitae» do candidato, que proferiu, na última prova, uma lição, sorteada, sobre «Arte Grega no século de Péricles». Argumentou a lição o Prof. Artur Nobre de Gusmão.

Nos anos de 1970 e 1971, foram empossados, nos dias que vão referidos, os seguintes docentes do grupo de História:

ASSISTENTES

LICENCIADOS:

- Eugénio F. dos Santos, 7 de Janeiro de 1970;
- Carlos Alberto Ferreira de Almeida, 11 de Janeiro de 1970;
- Luís Alberto Adão da Fonseca, 3 de Março de 1971.

ASSISTENTES EVENTUAIS

LICENCIADOS:

- Cândido Augusto Dias dos Santos, 6 de Janeiro de 1970;
- Francisco Alberto Fortunato Queirós, 14 de Outubro de 1970;
- Aurélio de Araújo Oliveira, 9 de Fevereiro de 1971; e
- Graziela de Jesus Silvestre, 18 de Janeiro de 1971.